

O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR DE FLORIANÓPOLIS E SUA RELAÇÃO COM A LEITURA

Felícia Fleck

Magda Chagas Pereira

Resumo: Pesquisa realizada no ano de 2005 com o objetivo de verificar como ocorreu o processo de formação para a leitura dos profissionais da informação atuantes em bibliotecas escolares de instituições de ensino fundamental da rede pública e privada do município de Florianópolis, procurando conhecer seus hábitos atuais de leitura e a maneira como atuam no processo de constituição de novos leitores. Como um dos pressupostos da pesquisa era a de que bons leitores seriam capazes de influenciar de modo positivo na formação de novos leitores, buscou-se verificar em que medida isso acontecia efetivamente no cotidiano das escolas.

Palavras-chave: Biblioteca escolar; Bibliotecário escolar; Leitura.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade que, apesar da marcante presença da oralidade, segrega cada vez mais aqueles que não dominam o código escrito.

Por meio da leitura, é possível desenvolver uma série de operações cognitivas, dedutivas e lógicas. É possível estabelecer relações entre o que somos e o que pensamos com o que outros – tantos outros – imaginaram, pensaram e escreveram! E a partir disso, confrontar idéias, discutir conceitos, rever teorias, ampliar descobertas!

A leitura nos oferece uma série de possibilidades, desde buscar informações determinadas que possibilitem a solução de pequenos problemas do cotidiano até deparar com teorias mirabolantes que podem mudar por completo nosso entendimento sobre as coisas do mundo. Isso sem falar nas inúmeras portas que um bom livro pode abrir, transportando-nos a lugares inimagináveis até então, ou simplesmente nos levando para dentro de nós mesmos, o que pode representar uma aventura ainda mais espetacular!

Bamberger (1991) acredita que a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade, para ele “todo bom leitor é bom aprendiz.”

A leitura é o “ato que pressupõe, mas ultrapassa, a alfabetização, tornando-se recurso de comunicação voluntário e independente, sobretudo das pressões escolares.” (PERROTI,1990, p. 13).

A leitura também se refere ao comportamento cultural nas sociedades letradas. Dessa forma, a leitura não pode ser vista como um processo isolado no qual se estabelece uma relação direta e exclusiva entre o leitor e o texto, pois vários outros fatores contribuem para a sua efetivação.

Segundo Kleiman (1998), Rudell e Unrau (1994) e Leffa (1996), a leitura remete a outros textos e a outras leituras. Ao ler um texto, o leitor coloca em ação o seu sistema de valores, crenças e atitudes, reflexos do grupo social a que pertence. Dessa forma, tudo aquilo que é vivenciado e aprendido tem influência no processo de leitura.

Embora as condições sócio-econômicas influenciem muito as possibilidades de leitura, a escola, e, por conseguinte, a biblioteca escolar, tem um claro papel educacional vinculado à formação desta prática. A biblioteca escolar deveria ser o local por excelência para apresentar a leitura como uma atividade natural e prazerosa, já que para grande parte das crianças ela se configura como a única oportunidade de acesso aos livros (CALDIN, 2003).

Os profissionais da informação que atuam em bibliotecas escolares são coadjuvantes no processo de ensino-aprendizagem. As bibliotecas por eles administradas fornecem a professores, alunos e demais envolvidos neste processo, as ferramentas necessárias para tal intento.

Dessa forma, espera-se destes profissionais um comprometimento acentuado com o processo de formação de leitores. Pode-se inferir que bons leitores sejam capazes de influenciar de forma positiva na formação de novos leitores. Aqueles que, desde a infância, interagem com documentos escritos, fazendo da leitura uma atividade prazerosa, certamente, estarão mais aptos a contribuir para que crianças e adolescentes passem a considerar tais documentos como aliados no seu processo de crescimento intelectual e como possível companheiro para as horas de lazer.

Piza (2005) defende que o bom leitor tem o hábito prazeroso de ler muitos e bons livros, não dá preferência a um gênero nem a um formato, e, principalmente, é o que lê “para poder refletir sobre o que ainda não conseguiu refletir.”

Por outro lado, “quem não lê não pode ser modelo para o outro, quem não tem o hábito da leitura não pode educar o bom leitor”, acredita Nagel (2004). Esta autora considera mau leitor aquele que não se propõe a

nenhum diálogo intermediado por outras coisas que não sejam os seus próprios desejos interiores, aquele que não tem curiosidade, e, por não tê-la, não tem condições de direcionar a sua atenção, concentrando-se na leitura.

Considerando-se os aspectos levantados acima, elegeu-se como problema a ser estudado nesta pesquisa a relação dos bibliotecários escolares com a leitura, procurando conhecer: se os bibliotecários escolares, atuantes na rede pública e privada do município de Florianópolis consideravam-se bons leitores; como ocorreu seu processo de iniciação à leitura durante sua formação escolar; quais hábitos e preferências de leitura desenvolvem atualmente e a forma como atuavam, junto aos usuários de seu local de trabalho, com o intuito de incentivá-los a ler.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para que pudessem ser cumpridos os objetivos propostos neste trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa, embora se tenha privilegiado, na apresentação gráfica dos resultados, a abordagem quantitativa. De acordo com Godoy (1995, p. 58), a pesquisa qualitativa envolve a

obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Foram considerados como participantes desta pesquisa os profissionais da informação atuantes em bibliotecas escolares de Florianópolis, localizados por meio de solicitação desses dados na Associação Catarinense de Bibliotecários – ACB, no Sindicato das Escolas Particulares de Santa Catarina – SINEPE/SC, na Secretaria Municipal de Educação e na Secretaria Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia. Contatou-se também, o Grupo de Bibliotecários da Área Escolar de Santa Catarina – GBAE/SC (pertencente à ACB) mas em virtude da grande mobilidade dos profissionais dessa área, os dados fornecidos estavam desatualizados.

Junto à ACB e à Secretaria Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia obteve-se uma listagem das escolas públicas e particulares de Florianópolis (Censo Escolar 2003), com dados gerais, tais como: nome da

escola, endereço, telefone e-mail. Não havia informações referentes à existência de um profissional bibliotecário nessas instituições.

Dentre a listagem das escolas, foram selecionadas as que obedeciam aos seguintes critérios: estar situada no município de Florianópolis; oferecer ensino fundamental; e ter um profissional bibliotecário (formado em curso superior de Biblioteconomia) gerindo a biblioteca da escola.

As escolas da rede estadual foram descartadas logo de início, por não existir até então, no seu quadro, o cargo de bibliotecário escolar.

Da listagem inicial das escolas particulares, encontraram-se apenas 17 com profissionais bibliotecários e um total de 22 profissionais (já que cinco delas têm dois bibliotecários contratados).

Para chegar a esse número, foi necessário contato pessoal com cada uma das escolas para verificar se havia ou não o bibliotecário no quadro de funcionários. Inicialmente, foram enviadas informações gerais sobre a pesquisa por correio eletrônico para as escolas, perguntando sobre a existência (ou não) de um profissional bibliotecário na escola. Como houve baixíssimo grau de resposta, foi necessária a comunicação por telefone.

A obtenção dos dados referentes aos bibliotecários atuantes nas escolas públicas municipais foi ainda mais dificultosa. Foi necessário ir à Secretaria Municipal de Educação diversas vezes, até conseguir falar com a pessoa responsável. Enviou-se o projeto e um ofício explicitando os objetivos da pesquisa, e por fim, após alguns meses, obtivemos os dados almejados.

Quando da coleta de dados desta pesquisa, realizada durante a ano de 2005, existiam 23 bibliotecários escolares contratados pela Secretaria Municipal de Educação. É curioso observar que, embora o universo das escolas privadas seja maior que o das escolas públicas municipais, o número de bibliotecários atuando em cada uma delas é muito semelhante (22 e 23 respectivamente).

Nossa idéia inicial era entrevistar todos os bibliotecários atuantes nas bibliotecas escolares de Florianópolis. Em virtude das dificuldades, já mencionadas, em obter os dados necessários para um primeiro contato com os profissionais, optou-se por realizar as entrevistas com 20 bibliotecários, o que representava 44% do total, uma amostra bastante significativa, de acordo com as indicações de Barbetta (2002) em pesquisas científicas na área de ciências sociais.

Contatou-se então, por telefone, aleatoriamente, os bibliotecários apresentando sucintamente o projeto de pesquisa e verificando o interesse em participar do estudo. Prosseguiu-se, agendando as entrevistas que, na quase totalidade, ocorreram na própria instituição escolar e em horário de trabalho.

Após sua concordância em participar, mediante assinatura do “termo de consentimento livre e esclarecido”, iniciaram-se as entrevistas, que foram gravadas e depois transcritas.

Foi, então, realizada uma análise de conteúdo, definida por Bardin (1993, p.47), como

um conjunto de técnicas de análise de comunicação que visam, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, a obtenção de indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

A análise semântica do texto pressupôs a construção de uma grade de análise, composta pelas diferentes variáveis:

- a) local de formatura em biblioteconomia;
- b) tempo de atuação em bibliotecas escolares;
- c) hábitos de leitura durante a infância e no processo de formação escolar;
- d) hábitos quanto ao uso de bibliotecas durante o processo de formação escolar;
- e) atuação profissional visando à formação de leitores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio das entrevistas realizadas com os bibliotecários das escolas públicas e privadas de Florianópolis, constatou-se que são pequenas as diferenças em relação à sua formação e aos hábitos de leitura. Por esse motivo, as respostas às perguntas objetivas foram analisadas em seu conjunto.

Dos entrevistados, dois (10%) concluíram o curso de Biblioteconomia antes de 1995; onze (55%) entre 1995 e 2000; e sete (35%) depois de 2000, sendo que destes, treze (65%) graduaram-se na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); seis (30%) na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); e apenas um (5%) entrevistado graduou-se fora do estado de Santa Catarina (UNIRIO- RJ).

A maioria dos entrevistados continuou investindo em sua formação após a graduação, o que se traduz no fato de oito (40%) serem especialistas (ou estarem cursando especialização) na sua área de atuação; dois (10%) serem mestrandos (na UFSC); além disso, cinco (25%) participaram de cursos/oficinas de curta duração, e também cinco (25%) de cursos oferecidos pela própria instituição em que trabalham. Quatro (20%) fizeram cursos oferecidos pela Associação Catarinense de Bibliotecários - ACB e três (15%) cursaram informática.

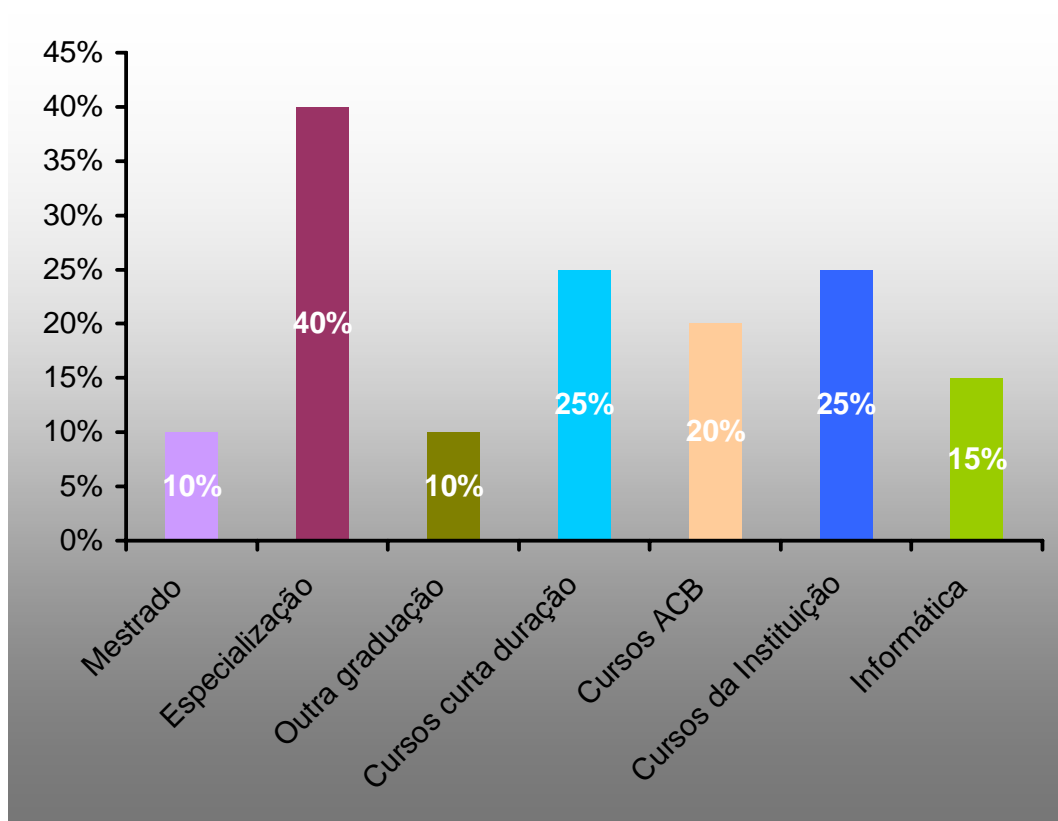


Gráfico 1 - Outros cursos realizados

Observou-se que 60% dos bibliotecários das escolas particulares são especialistas (ou estão cursando uma especialização) em oposição a 20% dos

bibliotecários das escolas públicas. Em contrapartida, 20% dos bibliotecários das escolas públicas são mestrandos em Ciência da Informação (e 0% dos bibliotecários das escolas particulares).

Em relação ao tempo em que trabalham em bibliotecas escolares, quatro entrevistados (20%) trabalham há menos de 1 ano; oito (35%) trabalham de 2 a 5 anos; oito (35%) de 6 a 10 anos e dois (10%) há mais de 10 anos.

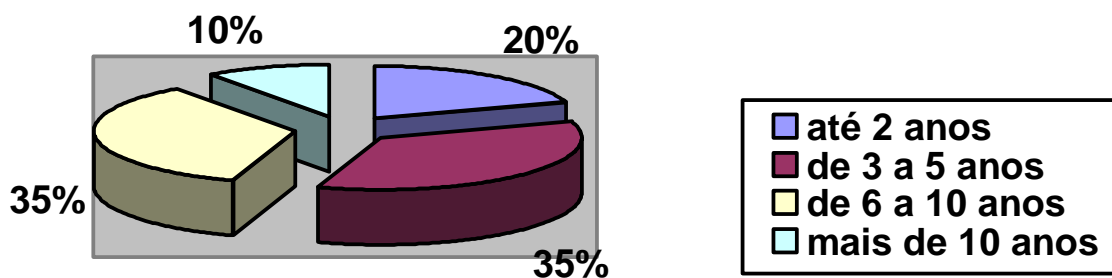


Gráfico 2: Tempo de atuação em bibliotecas escolares

A média de tempo de atuação nas escolas públicas é de 4,13 anos e nas particulares é de 6,5 anos. Essa diferença pode ser justificada em função de que o primeiro concurso para bibliotecários na Prefeitura Municipal de Florianópolis ocorreu em 1998.

Questionados sobre a quantidade aproximada de livros que lêem no decorrer de um ano, dois (10%) entrevistados afirmaram ler de 1 a 5; cinco (25%) de 6 a 10; três (15%) de 11 a 15 e dez (50%) lêem mais de 15 livros.

Os bibliotecários das escolas particulares lêem mais do que os bibliotecários das escolas públicas: 60% dizem ler mais de 15 livros por ano nas particulares enquanto nas públicas o percentual é de 40%.

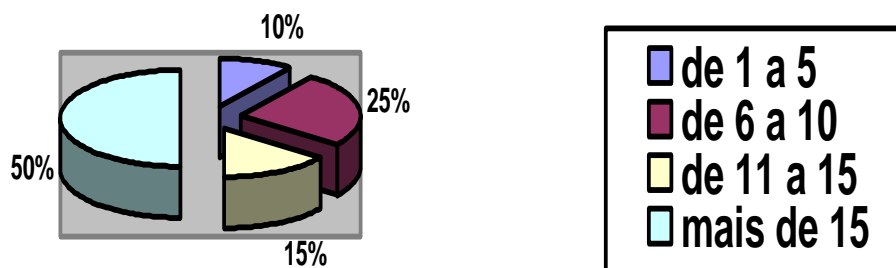


Gráfico 3 – Número de livros lidos no período de um ano

Quanto ao suporte da leitura, 100% dos bibliotecários afirmaram ler revistas e livros; 90% documentos eletrônicos e jornais; 35% gibis e 20% almanaques. A alternativa “outros” foi assinalada por 15% dos respondentes, na qual apareceram: livros religiosos (10%) e documentos administrativos (5%).

Dos entrevistados das escolas particulares, 20% lêem livros religiosos.

Todos os entrevistados (100%) lêem tendo por finalidade o lazer e também 85% lêem para estudo; 80% para o trabalho; 75% para desenvolvimento pessoal e 10% para atualização (dentro da alternativa “outros”).

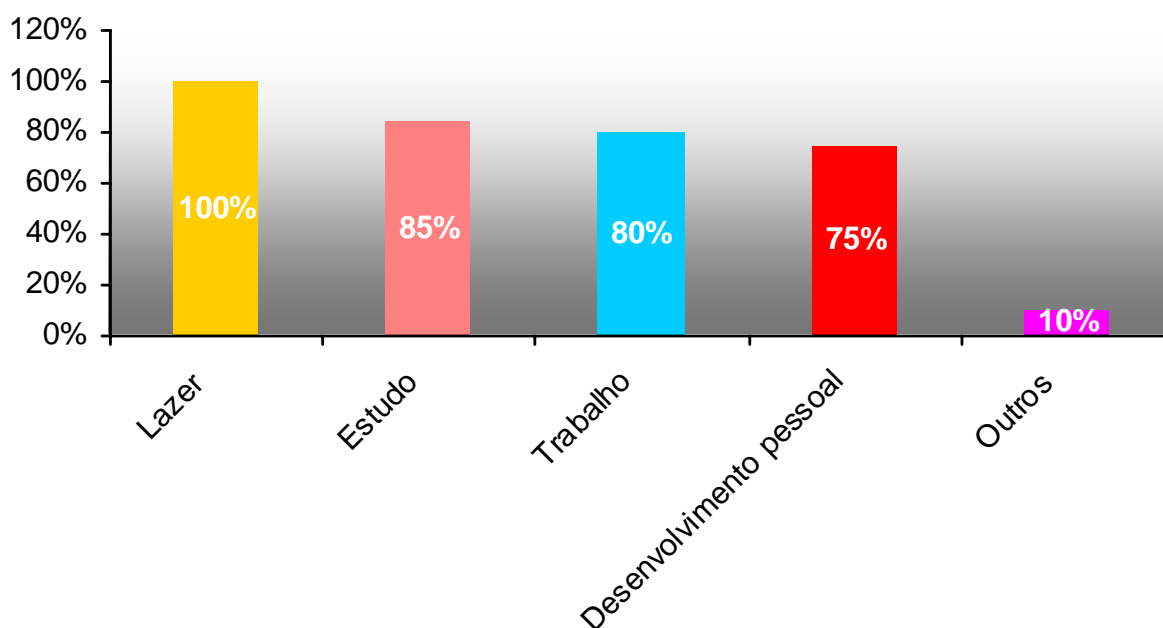


Gráfico 4: Finalidade da leitura

Indagados acerca do hábito de ler livros infantis e infanto-juvenis, dezenove bibliotecários (95%) afirmaram ler esse tipo de livro com frequência, enfatizando a importância dessa prática no seu fazer diário já que ela possibilita a familiaridade com o acervo e a possibilidade de orientação aos usuários, bem como a indicação de obras. Apenas um (5%) disse não costumar ler esse tipo de literatura.

Onze (55%) entrevistados consideram-se bons leitores; oito (40%) não se consideram bons leitores e um (5%) acredita estar se tornando um bom leitor.

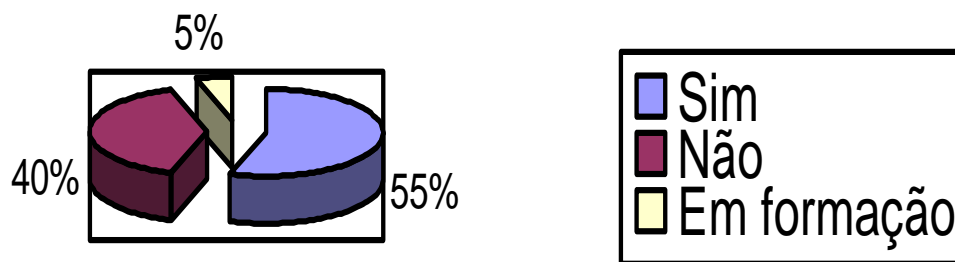


Gráfico 5: Você se considera um bom leitor?

Para os bibliotecários atuantes nas escolas públicas, o bom leitor é aquele que sente prazer em ler, que lê por gosto e por curiosidade, que vê na leitura uma forma de aprendizado e que está sempre querendo saber coisas novas e se inteirando das novidades que acontecem ao seu redor. Estes bibliotecários acreditam, também, que o bom leitor tem que ler com frequência e uma variedade de assuntos.

Para os bibliotecários atuantes nas escolas particulares, o bom leitor é aquele que lê com qualidade (tem critérios nas suas escolhas de leitura, é um leitor crítico) e em quantidade. Também lê com profundidade, entende e interpreta o que lê e adquire novos conhecimentos a partir das suas leituras, promovendo melhorias no seu cotidiano e estabelecendo relações entre o lido e o vivido.

Em relação à sua formação como leitor e às suas memórias de leitura na infância, treze (65%) entrevistados reconhecem que tiveram influência da família, quer ouvindo histórias de vida e causos narrados por avós e tios ou ouvindo histórias de livros lidos pelos pais (especialmente as mães), quer tendo contato com livros, presentes no cotidiano da família e, algumas vezes, indo a livrarias, sebos e bibliotecas ou ganhando livros e gibis de presente.

A minha mãe contava muitas histórias para nós. (...) Ela mostrava e lia, (...) Os sete cabritinhos e outras histórias que eu lembro até hoje foram contadas por minha mãe. Acho que foi isso que despertou minha paixão pelos livros. Eu adorava,

*viajava nas histórias que ela contava. E ela era uma excelente leitora.*¹

Na minha família algumas pessoas liam e eu ficava admirando, acho que isso influenciou no meu hábito de leitura.

Outros se recordam com carinho dos disquinhos de vinil coloridos com histórias infantis e acreditam que eles facilitaram a entrada ao mundo da leitura. Alguns se referem ao privilégio de ter nascido numa família de leitores, principalmente aqueles que são filhos de professores/as:

A minha mãe era professora, então ela é que fazia essa aproximação com o livro. Eu tinha mais contato com a leitura em casa do que na escola.

Nove (45%) entrevistados lembram que em suas escolas havia biblioteca, embora nem todos a freqüentassem.

Meu contato com a leitura foi mais pela escola, mas desde pequena eu já procurava livros, inclusive até brincava de bibliotecária...

Dois (10%) entrevistados afirmaram que na biblioteca de suas escolas o trabalho era desenvolvido por um profissional graduado em Biblioteconomia:

Tínhamos a rotina de ir à biblioteca, fazer empréstimo, fazer pesquisa... Ela [a bibliotecária] fazia hora do conto, fazia murais com resumos dos livros, e os próprios momentos em que estávamos na biblioteca, o contato, já fazia com que nos interessássemos pela literatura. Só o fato de freqüentar o local, já incentivava...

¹ Optou-se por transcrever livremente alguns depoimentos dos bibliotecários entrevistados para enriquecer o relato.

Em relação ao espaço, outra lembrança:

Na escola que estudei de 5ª à 8ª séries tinha uma sala de leitura, não era uma biblioteca como a gente conhece com estante... Era um cantinho da leitura, para entrar na sala tinha que tirar os sapatos... Os livros eram pendurados num fio e ficavam ali na altura de um metro mais ou menos... E abaixo deles, havia almofadas... Era um ambiente muito gostoso lembro muito bem desse espaço...

No entanto, a grande maioria acha que a escola não colaborou para que se tornassem bons leitores, como ilustra o depoimento abaixo:

Meus pais e meus irmãos não liam. Mesmo quando estudei em escola particular o meu primeiro contato com a biblioteca foi como castigo, por ter feito bagunça. É a única lembrança que eu tenho em relação à biblioteca na escola [na 7ª série]. Nunca precisei frequentar biblioteca, nem para fazer trabalhos escolares.

Seis (30%) entrevistados acreditam que seus professores incentivaram de alguma forma a leitura, seja contando ou lendo histórias, cantando e fazendo atividades com letras de músicas, bem como falando sobre os livros (fazendo divulgação) ou declamando poesias e trovinhas populares.

Alguns lamentam:

Não lembro de nenhum momento especial dos professores incentivando a leitura... Eu penso que faltou incentivo da escola e de não ter uma biblioteca, acho que eu teria boas lembranças...

Para grande parte, as atividades feitas pelos professores estavam restritas à ficha de leitura, sendo que dezessete (85%) afirmam ter sido obrigados a fazê-la:

Fiz ficha de leitura e li por obrigação. E nos preocupávamos mais no que íamos colocar na ficha do que no próprio livro, pensando no que o professor estava querendo que colocássemos na ficha. Então, acabávamos nem lendo o livro inteiro, líamos partes, trechos e fazíamos uma síntese. Não recebíamos muita orientação, só a função de fazê-la. Era terrível... E se percebermos, às vezes isso se repete na universidade. É necessário procurar entender essa prática e buscar alternativas para fazer uma diferença.

Lembro que fiz ficha de leitura, a maldadada ficha de leitura... Eu sempre falo para os professores daqui nas reuniões pedagógicas, que eu sou contra a ficha de leitura, porque eu acho que existem outros meios melhores de fazer os alunos gostarem da leitura. A ficha de leitura é maçante, os alunos se irritam, porque é um negócio que tem prazo, que vale nota... Isso é terrível, eu me sentia assim e acho que eles também se sentem assim...

Doze entrevistados (60%) recordam-se de freqüentar a biblioteca pública da cidade, especialmente para a realização de trabalhos escolares.

Dentre as atividades realizadas pelos bibliotecários nas escolas, e por eles consideradas incentivadoras da leitura, estão:

Tabela 1: Atividades realizadas pelos bibliotecários

ATIVIDADES	Frequência %
Varal literário	5%
Visita orientada à biblioteca	5%
Educação de usuários	5%
Organização do espaço físico da biblioteca (cantinho da leitura, espaço agradável)	10%
Campanha amigo da biblioteca	10%
Concurso para a escolha do nome da biblioteca	10%
Visita de escritores à escola	10%
Feira cultural / Feira do livro	10%
Boletim / mural informativo	15%
Gincana cultural	15%
Livre acesso à biblioteca	15%
Semana do livro e da biblioteca	15%
Concurso de poesias	20%
Exposição de livros (novas aquisições e livros do vestibular)	20%
Empréstimo	20%
Orientação ao empréstimo / indicação de obras	30%
Leitura / contação de histórias	80%

Cabe ressaltar ainda:

- As exposições de livros (do vestibular) são realizadas em 30% das escolas particulares e em apenas 10% das públicas. Pode-se inferir que as escolas privadas, especialmente as que têm também ensino médio, apresentam uma maior preocupação em aprovar os seus alunos no concurso vestibular, já que o ensino médio, em geral, tem se voltado a esse fim e, além disso, um alto índice de aprovação dos alunos no vestibular confere “status” à instituição.
- Os concursos de poesias são realizados em 40% das escolas públicas e em nenhuma escola privada pesquisada.

4 CONCLUSÕES

Todos os bibliotecários contatados aceitaram participar da pesquisa, demonstrando interesse, respondendo integralmente aos questionamentos, e ainda, fornecendo informações adicionais sobre o seu trabalho, inclusive mostrando produtos dele gerados: fotos de atividades, murais, boletins informativos etc.

Notou-se que os bibliotecários entrevistados demonstraram preocupação em relação ao seu papel educativo dentro da biblioteca e da importância da leitura no seu trabalho diário.

Entretanto, 40% deles não se consideram bons leitores, porque acreditam que deveriam ler mais do que lêem atualmente, tanto com relação à quantidade quanto à qualidade. Muitos deles mencionaram que gostariam de ter lido os “clássicos.” Essa referência recorrente indica que, para eles, a boa leitura está diretamente relacionada à literatura, e especialmente, à literatura consagrada. Além disso, os entrevistados consideram que bons leitores são “bons leitores de livros.”

Aqueles que se consideram bons leitores, de maneira geral, acreditam que assim se tornaram em função do incentivo dos pais ou de familiares. Fragoso (1998) afirma que a relação de afeto entre livro e leitor se dá na primeira infância e por intermédio do adulto, o que ficou confirmado nessa pesquisa.

Tendo em vista que a escola pouco contribuiu no seu processo de leitura e que a biblioteca escolar muitas vezes foi nula ou até palco de castigos, os bibliotecários escolares demonstram uma grande preocupação em não repetir a sua vivência:

Quando se é profissional de biblioteconomia que tem que estimular a leitura, a gente se pergunta que leitor sou eu para estar estimulando a leitura?

Estar num ambiente de biblioteca escolar é conflitante, porque você sente, você reflete, você sabe que falta teve na sua formação a leitura. Aí você tenta compensar isso e até sente necessidade de estar lendo mais livros de literatura infantil e infanto-juvenil, porque aí você faz uma volta, como um saudosismo, está cobrindo um buraco que você não tinha consciência.

Os bibliotecários escolares realizam uma grande variedade de atividades que consideram incentivar a leitura, mas a principal é a contação/leitura de histórias, desempenhada por 80% deles.

Cabe acrescentar que mesmo aqueles que não contam histórias consideram-na uma atividade de estímulo à leitura (é provável que o fato da entrevistadora ser uma contadora de histórias, já conhecida por alguns entrevistados, possa ter influenciado esta resposta).

Todos têm o hábito de ler livros infantis e infanto-juvenis, inclusive na própria instituição de trabalho, por considerarem de extrema importância o conhecimento do acervo existente para uma melhor orientação aos usuários.

Percebeu-se também, que são poucos os bibliotecários que trabalham vários anos em bibliotecas escolares; outro fato curioso é a grande mobilidade de profissionais nessas instituições. Em um período de quatro meses (entre o final de 2004 e início de 2005), dentre as escolas selecionadas, cinco mudaram de profissional bibliotecário.

A partir da pesquisa realizada, pode-se concluir que o perfil do bibliotecário escolar de Florianópolis:

- É do sexo feminino (houve apenas um homem entrevistado);
- Concluiu o curso de Biblioteconomia entre 1996 e 2000, na Universidade Federal de Santa Catarina;
- É especialista em sua área de atuação e busca atualização profissional por meio de cursos de capacitação relacionados à Biblioteconomia e outros oferecidos pela própria instituição onde atua;
- Trabalha há cinco anos em bibliotecas escolares;
- Lê mais de 15 livros por ano;
- Lê livros, jornais, revistas e documentos eletrônicos, tendo por finalidade o lazer, o estudo, o trabalho e o desenvolvimento pessoal;
- Lê livros infanto-juvenis com frequência;
- Considera-se um bom leitor;
- Acredita que recebeu influência dos pais ou da família para se tornar um bom leitor, e que a escola onde estudou pouco contribuiu para isso. Ouviu histórias na sua infância, ganhou livros ou gibis de presente, e freqüentou a biblioteca pública da cidade onde morava. Fez ficha de leitura na escola, mas não a considerou significativa para o seu processo de formação para a leitura;
- Desenvolve atividades de contação de histórias na biblioteca com o intuito de incentivar a leitura.

Agora eu leio, mas eu acho que se eu tivesse uma história de leitura, desde a infância, tivesse contato com livros, ou eu visse pessoas lendo, aí sim eu seria um bom leitor. Mas eu acho que eu estou no caminho, talvez um dia eu ainda chegue a ser um bom leitor.

REFERÊNCIAS

- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo: Ática, 1991.
- BARBETTA, Pedro Alberto. *Estatística aplicada às ciências sociais*. 5. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.
- BARDIN, L. *L'analyse de contenu*. Paris: PUF, 1993.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura da literatura infantil. *Encontros Bibli: R. Elet. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, n.15, 2003.
- FRAGOSO, Graça Maria. O livro, a biblioteca e a primeira infância: trilogia do afeto. *Presença Pedagógica*, v.4, n.22, jul./ago. 1998, p.44-51.
- GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.
- KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura: teoria & prática*. 6.ed. São Paulo: Pontes, 1998. 102 p.
- LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra-D. C. Luzzatto, 1996. 98 p. (Ensaio CPG Letras/UFRGS, 7).
- NAGEL, Lizia Helena. O que é um mau leitor? *Revista Espaço Acadêmico*, n.32, jan. 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/032/32cnagel.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2005.
- PERROTI, Edmir. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1990.
- PIZA, Daniel. O bom leitor. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/setores/bu/BUvirtual/Fique_Ligado/leitura7.htm> Acesso em: 2 jun. 2005.
- RUDELL, Robert B.; UNRAU, Norman J. Reading as a meaning-construction process: the reader, the text, and the teacher. In: SINGER, H.; RUDELL, R. B. *Theoretical models and processes of reading*. 3. ed. Newark: IRA, 1994. p. 996-1056.

THE FLORIANÓPOLIS SCHOOL LIBRARIAN AND THEIR RELATIONSHIP WITH THE READING ACT

Abstract: Research carried in 2005 out with the aim of verifying how happened the formation process for lecturing performed by the information professionals acting in the school libraries, of elementary schools of the public and private system of Florianópolis municipal district. The research seeks to know their current reading habits and its influence on the constitution process of new readers. One of the presupposed facts in this research is that good readers are capable of

influencing positively in the formation of new readers, so, it sought to verify to what extent it occurs effectively in the schools quotidian.

Keywords: Library school; School librarian; Reading.

Felícia Fleck

Bibliotecária e contadora de histórias. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: feofleck@yahoo.com.br

Magda Chagas Pereira

Doutora em Lingüística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora no Departamento de Ciência da Informação, no Centro de Ciências da Educação, na Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail : magda@cin.ufsc.br

Artigo:

Recebido em: 10/05/2007

Aceito em: 03/09/2007